

Eles esperam um dia que não virá

Nicolas Bonvakiades

Da equipe do **Correio**

A invasão da Estrutural vive calmaria raramente vista nos últimos anos. Não se fala em violência nem se vê novos invasores chegando com móveis e madeirites. Pequenos grupos jogam cartas, bingo e sinuca nos bares e ruas. No lugar de novos barracos sendo erguidos, o que se vê é a reforma dos antigos. Alguns se aventuram a construir em alvenaria, outros se limitam a fazer uma ampliação, mas com madeirite.

O vendedor Francisco Alves Coelho, 42 anos, é um dos que resolveram dar mais conforto à família, confiando na regularização do lugar. "Não valia a pena fazer isso antes por causa da insegurança em que a gente vivia", comenta. No barraco de dois cômodos moram ele, a mulher e mais três crianças. "Quando falaram que

iam regularizar, muita gente começou a arrumar os barracos", diz.

Depois de quatro anos morando na Estrutural, Francisco foi para São Paulo. Voltou há seis meses e conta que agora consegue resolver o problema de falta de moradia. A preferência é permanecer ali mesmo. Mas garante que não se opõe se o governo decidir assentá-los em outro lugar.

CALMA APARENTE

No conjunto D da quadra 3, em frente ao lote de um vizinho que constrói uma casa com tijolos e cimento, a moradora Maria Batista de Souza, 23 anos, ainda duvida da permanência no local. "Não estou contando muito com isso, não. Preferia ficar aqui, mas vou para onde derem lote", afirma.

Ela não estava na Estrutural na época dos confrontos com a polícia. Chegou depois para morar

com o marido que vive ali há três anos. "Fiquei com medo de vir, mas não tínhamos opção. Não dava para ficar onde estávamos", diz. Viviam em Ceilândia pagando aluguel de R\$ 150, num barraco.

No meio de um grupo reunido em torno de um jogo de baralho, o feirante Raimundo Franciso da Silva, 36 anos, resume a disposição de boa parte dos moradores. "Espero ficar por aqui mesmo. A gente já mudou lá de cima para cá e não quer sair mais, não. Já teve mudança demais. É o sonho de todo mundo ficar", diz com a aprovação de todos.

Se não lhe for dada essa opção, é exigente na troca. "Teria de ser uma área boa, com água, luz, esgoto e ônibus passando na porta", exige. Um dos amigos brinca: "É, podia ser um lugarzinho no Lago Norte."

Há seis anos vivendo ali, presenciou toda a saga de violência

na resistência à saída da invasão e as discussões na Câmara Legislativa sobre a regularização da Vila Operária. "Agora a situação aqui se tranqüilizou. Todo mundo está esperando a decisão do governador para começar a construir", diz.

Mas nem todo mundo demonstra disposição. Numa birosca onde um grupo jogava sinuca, na tarde de ontem, o dono do bar foi curto e grosso: "Não vou falar nada, não. O José Edmar é quem sabe. E se eu fosse ele, não deixava esse povo do **Correio** entrar aqui."

Depois, acrescentou para os companheiros: "Sempre estive-ram contra nós. Deviam é mandar bala nessa gente", disse. Enquanto esperam que o governo resolva o futuro da invasão, mulheres e crianças continuam transitando pelas ruas empoeiradas onde a água das fossas e o lixo continuam decorando a paisagem.